J. P. Galvão de Sousa

O JORNALISMO E A VERDADE NACIONAL

SÃO PAULO · 1959

O Jornalismo e a Verdade Nacional

J. P. Galvão de Sousa

O JORNALISMO E A VERDADE NACIONAL

Discurso de paraninfo proferido a 20 de Março de 1959 pelo Professor José Pedro Galvão de Sousa, Diretor da Escola de Jornalismo "Cásper Líbero", na colação de grau dos bacharelandos de 1958, em solenidade realizada no "foyer" do Teatro Municipal.

São Paulo
1959

1

O jornalista e o dever da veracidade, na época da propaganda

A responsabilidade do jornalista

A responsabilidade do jornalista nos dias presentes pode ser devidamente avaliada considerando-se que a vida de hoje decorre sob o signo da propaganda. Entre tôdas as técnicas utilizadas pelo homem contemporâneo, — muitas vêzes fazendo o papel do aprendiz de feiticeiro, sem lhe poder controlar os tremendos efeitos, — a técnica da propaganda se destaca pelo poder conferido aos seus manipuladores sôbre a vontade e o inconsciente alheios.

Transposta do plano comercial para o plano político, ficou sendo a propaganda uma das grandes armas da dominação exercida sôbre a sociedade de massas pelas minorias organizadas com vistas à direção do Estado.

Sob o totalitarismo moderno essa arma começou a ser manejada com requintes de perfeição. A propaganda criou ambiente propício aos ditadores, deu lastro popular aos grandes chefes, disseminou as ideologias, gerou os mitos. Desde os primeiros *slogans* da revolução comunista da Rússia, espalhando-se pelo mundo todo, até à arrancada nazista na Alemanha, dirigida pelo eficiente planejamento de Goebbels e de seus auxiliares, tudo foi propaganda.

Nos países tidos pelos mais exemplarmente democráticos, não menos decisiva tem sido a presença dêsse elemento, que se torna o ponto nevrálgico das campanhas eleitorais.

É verdade, como diz Jean-Jacques Chevalier, que a nova técnica científica da propaganda é, por sua natureza, totalitária. Nem é menos verdade que as democracias modernas estão a se encaminhar inexoràvelmente para os rumos do totalitarismo, segundo o previa Donoso Cortés, há cem anos atrás, e o tem demonstrado, entre outros, Friedrich Hayek, analisando a atualidade política do ocidente

A era da propaganda

Somas fabulosas são invertidas na propaganda pelo rádio e pela televisão, em tempos de eleição. Técnicos em publicidade, persuasores profissionais, consultores de imprensa, especialistas em programas de televisão e até preparadores de maquilagem começam a exercer tarefas importantes nos partidos políticos. Na última campanha presidencial dos Estados Unidos a luta entre democráticos e republicanos terminou sendo uma contenda entre duas agências de publicidade rivais. Aquêles processos de feira, postos em prática para conquistar os votos dos pioneiros do Oeste, sobrevivem em pleno século XX, unidos aos processos técnicos mais avançados, numa "atmosfera de circo", segundo a expressões de André Siegfried. Não é apenas no Brasil que os candidatos devem arrancar o paletó e deixar crescer os cabelos. Tôda uma técnica de apresentação em público, de indumentária e de gesticulações, é observada na propaganda eleitoral norte-americana.

Daí o ter dito *The New York World Telegram*, em uma vistosa manchete: "Os mascates tomam conta da campanha do Partido Republicano". E no texto corerspondente: "os políticos estão começando a aplicar tôdas as astucias técnicas de publicidade empregadas pela América na produção em massa, para vender automóveis, sais de banho e cortadores de grama".

Entretanto há algo de mais sério nas novas modalidades da propaganda política. Sua inspiração não está sòmente nos métodos de há muito usados pela publicidade comercial. Procede de uma investigação psicanalítica de ser humano, recorre à psicologia dos reflexos condicionados de Pavlov, e dessa forma termina por suscitar um sistema elaborado à base de emoções e tendências irracionais, apreendendo o homem pelos nervos mais do que pela vontade, pelo inconsciente mais do que pela razão.

O irracionalismo é um dos traços característicos da política moderna. A propaganda mais eficiente não é a que traz argumentos, é a que gera estados emocionais. E isto é feito, por vêzes, com uma subtileza e uma sabedoria diabólica, dando a impressão, ao eleitor mais esclarecido, de que êle está perfeitamente consciente, não obstante já se encontre sob a ação daqueles entorpecentes propagandísticos.

Em seu conhecido ensaio sôbre essa "nova fôrça política", Jacques Driencourt fêz ver que os Müller do Terceiro Reich, marchando com um *Heil Hitler* nos lábios em direção ao Wahlala supremo, reaparecem, com outras feições e particularidades, na Rússia soviética de hoje e mesmo nas democracias ocidentais.

O camarada Popov tem a sua existência quotidiana minuciosamente regulamentada. Vive sujeito a um gigantesco aparelho de persuasão. Na fábrica são os alto-falantes, os

cartazes, os retratos. Nos dias de descanso deve prestar atenção aos discursos, às senhas, aos artigos oficiais do Partido.

O mesmo se dá com *Mister* Babitt, símbolo do *mass man* americano, no seu pavor de ser original, na sua preocupação em fazer o que os outros fazem e pensar como os outros pensam, postulados sôbre os quais se assenta a ciência da propaganda. Lá em sua terra as mentalidades dos homens, como as máquinas, são dirigidas pelos técnicos. Daí a estandartização, a idéia da superioridade do rendimento organizado em grande escala, o coletivismo materialista.

Finalmente, na França do racionalismo e das tradições democráticas, *Monsieur* Dupont vive também submetido ao irracionalismo.

Vale a pena reproduzir aqui a descrição desta figura que representa o cidadão francês médio de 1950.

"*Monsieur* Dupont passa sua existência numa perpétua atmosfera de artifício, de irreal, de mentira. Cada um de seus dias é marcado pelas torrentes de informações, agitado pelas vociferações, fascinado pelos incitamentos, martelado pela injunções, as exclamações, que se derramam sôbre êle e de que lhe embebem os sentidos tanto os alto-falantes e o rádio, como os jornais, os anúncios, as brochuras, os discursos, e ainda o cinema e as conversações, que afirmam, insinuam, denunciam, revelam, acusam, ordenam. Em sua casa, no seu trabalho, na rua, no trem ou no *métro*, *Monsieur* Dupont é o objeto contínuo de solicitações e de pressões que o perturbam e atordoam.

"*Monsieur* Dupont vive na idade da propaganda.

"*Monsieur* Dupont é o escravo da propaganda" (J. DRIENCOURT, *La propagande nouvelle force politique*, Lib. Armand Colin, Paris, cap. I).

Não obstante, êle está firmemente persuadido de ser um cidadão livre, vivendo num país perfeitamente democrático. Mal se dá conta de que vive numa ignorância absoluta dos negócios públicos. As informações que recebe, pelo rádio ou pela imprensa, são selecionadas, incompletas e até mesmo truncadas. Refletem interêsses de partidos políticos ou de grupos financeiros. Como no caso de *Mister* Babitt, a liberdade de pensamento se reduz freqüentemente à liberdade, para os que detêem o poder econômico, de controlar os meios de informação.

Se o nosso saudoso Belmonte fosse vivo, poderia colocar ao lado de *Monsieur* Dupont o seu Juca Pato, e as diferenças, no gênero de vida de um e outro, não seriam muito grandes. Por tôda parte vivemos sob o signo da propaganda, especialmente nas atormentadas megalópolis das grandes concentrações de massas e do progresso industrial.

E com o citado autor podemos concluir: "a Propaganda reina no mundo inteiro, quer seja no Brasil ou no Japão, da Turquia à República Dominicana, e a vida, para a grande massa dos indivíduos, não é senão artifício, mentira e prestidigitação. Os homens ignoram os acontecimentos que amanhã vão fazer a sua felicidade ou a sua desgraça, e que de propósito são escondidos para êles: ignoram-

se uns aos outros, porque são impedidos de se conhecerem; sua sorte se joga nos bastidores" (*loc. cit.*)

O reino da mentira

O reino da propaganda fàcilmente se transforma no reino da mentira. Por isso não nos deve causar admiração o fato de, com base na propaganda política, verdadeiras ditaduras ocultas serem instituidas nos regimes democráticos. A ditadura do poder econômico, sobretudo, domina a tantos e tantos povos que se julgam livres, fazendo com que muitas vêzes as liberdades asseguradas pelas constituições não passem de meras declarações jurídico-formais, sem uma realidade efetiva que lhes corresponda.

É o que acontece com a liberdade de imprensa.

Por um lado, os excessos do sensacionalismo; as reportagens policiais que são um incitamento ao crime; os desmandos nas críticas improcedentes e impunes; o achincalhe à autoridade, envolvendo, nas referências desrespeitosas à pessoa dos governantes, o próprio princípio superior de ordem e hierarquia que representam.

Tudo isso não é liberdade de imprensa. É libertinagem.

E coexistindo com tais abusos de um direito mal assegurado pela constituição, que vemos, por outro lado? As injunções misteriosas, os silêncios inexplicáveis, os recuos surpreendentes, tudo aquilo que só se pode compreender exclamando com o Poeta: "outro poder mais alto se alevanta!"

Eis por que um jornalista brasileiro, em série de artigos publicados há três anos num matutino paulistano, respondia pela negativa a esta questão: "Existe, realmente, liberdade de imprensa no Brasil?". Apelava para a experiência pessoal, trazendo o depoimento de duas décadas de militância no nosso jornalismo. E louvando-se em fontes fidedignas do estrangeiro, universalizava as suas conclusões, escrevendo: "a liberdade de imprensa, no Brasil, é uma ficção. Ela é a grande ficção, aliás, do mundo capitalista contemporâneo e, por isso mesmo, da própria democracia liberal" (*Correio Paulistano,* 11.IX.1956).

Não nos esqueçamos de que coube ao liberalismo inaugurar, no mundo moderno, o regime da propaganda. Aperfeiçoado pelos Estados totalitários, tal regime teve início com a Revolução de 1789, preparada no século anterior pelos filósofos e letrados que, nos salões da nobreza decadente, difundiam a doutrina revolucionária, minando assim a ordem tradicional com a adesão das primeiras vítimas inconscientes da propaganda política.

Ao mesmo tempo em que instaurava o reino da propaganda, a Revolução Francêsa proclamava o princípio da liberdade de pensamento entendido no falso sentido da equiparação entre a verdade e o êrro, o bem e o mal, a virtude e o vício. Negando as crenças tradicionais do povo francês e pretendendo emancipar a razão de todo e qualquer critério superior de verdade, o liberalismo colocava a liberdade de expressão do pensamento "para além do bem e do mal", e desta forma tirava à liberdade todo conteúdo de verdade e de valorização ética, transformando-a num fim em si mesmo e fazendo de cada homem o centro do universo.

Era a aplicação do princípio do livre-exame à ordem política. Era a consagração do agnosticismo, gerado pela propaganda dos enciclopeidstas no século XVIII. Era a edificação da ordem política sem lhe ser dada por alicerce a ordem moral. Era a plena secularização da sociedade, em bases puramente racionais, e não mais na submissão aos valores supremos de ordem religiosa.

Perdido o critério para distinguir o bem do mal, a verdade do êrro, não admira que a liberdade de expressão do pensamento gerasse o domínio da mentira, e que a propaganda viesse a substituir os dogmas de outrora com os mitos do presente. Nessa atmosfera de mentira estamos hoje todos envolvidos.

Mentira na família, onde não se distingue o casamento do concubinato. Mentira na escola, onde não se aprende a amar a verdade e odiar o êrro. Mentira na economia, que deixa de ser uma atividade subordinada às necessidades do consumo e passa a girar em tôrno da produção e até da superprodução. Mentira nas finanças do Estado, com a depreciação da moeda, a orgia das emissões e a política inflacionária levando a moeda a zero. Mentira na organização dos poderes públicos, dizendo-se separados, harmônicos e independentes entre si, como se fôsse possível quebrar a unidade do poder. Mentira no sistema representativo, quando aventureiros beneficiários da propagando eleitoral não representam senão a si mesmos ou a pequenos grupos, dizendo-se mandatários de uma vontade popular inteiramente alheia às confabulações das assembléias e sem nehum recurso para exercer sôbre elas qualquer contrôle. Mentira nos partidos,

cujos programas não contam e que, na sua generalidade, não passam de sindicatos de exploração pública. Mentira na justiça, atrelada ao carro dos poderosos. Mentira na polícia, entrando em conluios com os criminosos e com os corruptores da sociedade. Mentira nas conferências internacionais, de cujo seio desaparece tôda confiança e é riscada a pressuposição da boa fé, cimento inabalável fora do qual em vão se procurará corporificar jurídicamente a *comitas gentium*. Mentira na Organização das Nações Unidas, que nunca foram tão desunidas como hoje, quando o mundo está a viver em plena guerra fria entre os dois grandes blocos que nele se defrontam.

O jornalista e o dever da veracidade

Não precisamos ir além. Eis aí a grande responsabilidade do jornalista nos dias que correm. O jornalista deve ser, por excelência, o homem da verdade. Se êle pactua com a mentira e utiliza a propaganda para alastrar a mentira, está violando frontalmente o primeiro dos seus deveres, a mais precípua das suas obrigações: o dever da veracidade. Seja por oportunismo ou por venalidade, seja por servilismo ao poder ou por espírito de oposição sistemática, quantas e quantas vêzes o jornalista abdica da grandeza de sua missão e contribui para consolidar o reino da mentira!

Manejando a palavra como instrumento de trabalho, na imprensa escrita ou falada, lembre-se o jornalista de que essa arma poderosíssima, é apanágio do ser humano, a quem confere faculdades quase divinas. Lembre-se de que a palavra é a expressão do pensamento, e o pensamento é o que faz a dignidade e a grandeza do homem. Lembre-se, enfim, de que a palavra deve significar para êle o culto

da verdade: verídico nas notícias, exato nas informações, fiel nas reportagens e nas entrevistas, o jornalista digno de sua vocação realiza o ideal que o Apóstolo São Paulo define nestas duas palavras tão expressivas — "fazer a verdade", *facere veritatem*.

Eis a sua responsabilidade. Eis a nobreza da sua profissão. E especialmente nos dias de hoje, quando a propaganda domina o mundo, cabe ao jornalista colocar a propaganda ao serviço da verdade, para que ela não seja o tóxico das inteligências, manipulado e difundido contrabandìsticamente pelos mercenários da palavra.

Nem é outro o sentido do compromisso que viestes hoje prestar, meus caros afilhados, e cujos dizeres passo a repetir, pedindo-vos, pelo que tendes de mais caro, que conserveis para sempre no coração esta fórmula por vós proferida e na qual deveis ver a melhor diretriz que vos poderia dar o paraninfo.

Prometestes, por Deus e pelo Brasil, no exercício do jornalismo, manter-vos fiel aos ensinamentos recebidos nesta Escola, FAZENDO DA PENA UM GLÁDIO DA VERDADE, UMA ARMA DA JUSTIÇA, UM FATOR DE FORTALEIMENTO ORGÂNICO DA ESTRUTURAS BÁSICAS DA VIDA BRASILEIRA. Declarastes mais que, no uso da liberdade de expressão, sabereis respeitar a honra do próximo e repelir categòricamente tudo o que seja contrário à ética da vossa profissão.

2

O jornalismo e os objetivos nacionais

Função pública da imprensa

EXERCE a imprensa em nossos dias uma função pública. Integra-se, por isso mesmo, nas finalidades do Estado. Pode fortalecer ou pôr em risco a segurança nacional. Ou será um elemento de coesão da nacionalidade, ou um fator de dissolução das estruturas sociais.

Como jornalistas, deveis ser homens da verdade, e, dada esta função importantíssima da imprensa na hora presente, deveis contribuir para a plena instauração da verdade nacional.

É o que nestes três anos de Escola tendes aprendido. De tal maneira que se vos pedirem uma definição da verdade nacional, não tereis dificuldade em encontrá-la, pois vós a vivestes durante a vossa experiência no curso de jornalismo. Despertar a consciência dos jornalistas para a sua grande tarefa, compenetrá-los da função pública que vão exercer, integrá-los nas realidades nacionais e na dinâmica social da época — eis o que devem fazer as escolas de jornalismo.

Concitando-vos a servir à verdade nacional, basta-me recordar alguma coisa do que foi o último ano do vosso curso, para inferirdes desde logo o que vos cumpre fazer.

Antes de mais nada, não vos esqueçais de uma das lições dadas na cadeira de Política e Administração.

Que é a Nação? — O passado, o presente, o futuro...

Que é a Nação? — É uma comunidade de cultura. É um complexo cultural em que vários elementos se conjugam, os quais cada de um de per si não bastam para caracterizá-la, mas todos juntos a constituem na sua essência mais íntima: a raça, a língua, o território, as comuns aspirações do povo, os costumes, os hábitos sociais, as crenças, os feitos dos antepassados, as recordações dos momentos de glória, o estilo de vida e uma certa maneira uniforme de reagir perante a vida. A palavra "nação" — de *nasci*, nascer — indica uma origem comum e também um mesmo destino a realizar, mediante a obra coletiva dos homens de hoje, que vão prosseguindo a tarefa histórica das gerações precedentes e vão transmitindo aos pósteros um grande legado de cultura. A Nação é uma família histórica, e, como a família, está vinculada aos antepassados e se perpetúa na descendência que mantém o nome gentilício. A Nação é o passado, o presente e o futuro.

A Nação é o passado. Retrospecto do jornalismo brasileiro: à procura de um pensamento nacional.

A Nação é o passado. Um retrospecto do jornalismo brasileiro através da história bem mostra como a atividade jornalística, entre nós, esteve sempre ligada à realização dos grandes empreendimentos nacionais. Juntamente com o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a nossa Escola promovia, durante o ano letivo de 1958, a Exposição Retrospectiva de Jornalismo, que era, ao mesmo tempo, o convite a um exame de consciência coletivo. A experiência dos que nos precederam muito pode valer para nos ensinar quanto ao caminho certo a seguir. Seus triunfos, seus méritos e suas virtudes, mas também suas deficiências e seus malogros, passaram diante de nós. E pudemos concluir que, na na trajetória de tanto brilho do jornalismo em nossa Pátria, faltou e vai faltando ainda um pensamento nacional a nortear a atividade dos homens da imprensa.

Desde os primeiros tempos da constituição do Brasil como nacionalidade separada de Portugal, o que vimos foi a influência das idéias estrangeiras mais em voga sôbre as elites dirigentes e as minorias letradas, entre as quais os jornalistas. Perdemos assim a consciência mais profunda da Nação, nas suas raízes históricas, e, a exemplo do que se fazia na França depois da Revolução de 1789, cujos princípios chegavam até nós, quisemos começar tudo de novo e chegámos mesmo a pensar que a Nação brasileira só começara a existir em 1822. Deixavam-se levar os jornalistas políticos de então, como os oradores, os deputados, os homens da administração, pelo fascínio que sôbre as gerações saidas dos bancos acadêmicos exerciam as idéias de Montesquieu e Rousseau, a constituição americana e a constituição francesa, o parlamentarismo britânico e o doutrinarismo de Guizot ou Benjamin Constant.

Assim foi durante o Império, e assim continuou a ser no dealbar do regime republicano, quando caíamos em lamentáveis equívocos, confundindo, por exemplo, federalismo e descentralização, porque só conhecíamos a técnica da descentralização pela leitura do *The Federalist* e porque ignorávamos a nossa autêntica formação, de base municipalista, em cujos caminhos históricos, devidamente restaurados, teríamos encontrado a resposta

certa ao justo anseio de liberdade local e regional contra os excessos da política centralizadora.

A Nação é o presente. Sintonização da mocidade com os interêsses nacionais.

A Nação é o presente. Quanto maior a nossa vinculação afetiva à terra pátria e à comunidade dos nossos compatrícios, tanto mais aguda será em nós a capacidade para sentir aquilo que interessa à sobrevivência, ao fortalecimento e ao prestígio nacionais. Tal é a sensibilidade da juventude, irrequieta, buliçosa e ardente, afadigando ilusões e sonhando com o grande Brasil que recebemos dos nossos maiores e queremos afirmar perante os contemporâneos.

Estivestes sempre sintonizados com os interêsses nacionais. Nas lições de vossos mestres procurastes elementos para a elaboração daquele pensamento nacional que nos tem faltado. E em função dêste ideal participastes com entusiasmo das jornadas universitárias e jornalísticas suscitadas pelas questões mais palpitantes de cada momento. Assim demonstrastes o vosso empenho em uma solução brasileira para os problemas brasileiros; destes o vosso apoio às campanhas para defesa do nosso subsolo; manifestastes a vossa atenção para o problema da transferência da capital, com vistas a fazer de Brasília o marco de um novo Brasil; e finalmente, no domínio das letras, da arte, do folclore, tivestes também oportunidade para dar expansão a essa sensibilidade juvenil que a alguns de vós colocou à testa da revista *Promoção* e de outras iniciativas destinadas a uma vivência mais profunda dos grandes temas nacionais da hora presente.

Um exemplo a considerar.

Entre tais temas, quero destacar, no terreno esportivo, o relacionado com um dos acontecimentos que mais empolgaram a alma nacional nestes últimos tempos: a vitória do Brasil no campeonato mundial de futebol.

Poucas vêzes vimos passar assim uma verdadeira corrente elétrica, de norte a sul do país, dando aos brasileiros ocasião magnífica de manifestarem em uníssono o seu espírito de brasilidade. Se muitos outros e belos triunfos foram alcançados, no ano passado, por jovens brasileiros que participaram de competições esportivas em alheias plagas, numa demonstração multiforme de virilidade e de energia, a patentear o vigor da Raça, nenhum entretanto teve como êste o condão de fazer vibrar tão intensamente as cordas mais sensíveis do nosso patriotismo.

Não se veja nisto nenhuma exageração. O fato aí está, fria, serena, sociològicamente registrado. E por sua vez tal fato não significa nenhuma exaltação demasiada da nossa gente, nenhum frenesi coletivo, como talvez à primeira vista possa parecer. Os que sabem da popularidade do futebol em grande parte das nações da atualidade, e os que têm acompanhado o desenvolvimento dêste esporte entre nós, não extranharão aquelas demonstrações em que se expandiu a natural exuberância da nossa gente de procedência latina, hispânica, lusa, de mestiçagem aborígene e africana, e de vivência geográfica tropical.

Mas o que cumpre agora é realçar a lição que encerra o fato em aprêço, considerado no seu sentido mais profundo. De há muito temos nós, brasileiros, consciência de possuirmos um dos mais belos e aperfeiçoados

tipos de futebol no mundo todo. Nem sempre é errado o ufanismo, e um dos seus aspectos mais curiosos entre nós, ùltimamente, tem sido o dos aficionados ao popular esporte bretão, o qual superou aqui a técnica dos velhos mestres que no-lo ensinaram, e levou as multidões dos grandes estádios e os freqüentadores dos pequenos campos do interior à convicção de que somos os primeiros do mundo, nesse terreno!

Entretanto, os primeiros do mundo eram sempre derrotados. Nas competições internacionais apareciam para fazerem o papel do cavaleiro da triste figura. Muito alarde e pouca eficiência. Decepções sôbre decepções.

Alguma coisa estava errada. Ou era o julgamento interno, uma valorização superestimativa de nós mesmos; ou eram fatôres acidentais, extrínsecos, que importava eliminar para nos apresentarmos tal como realmente o somos e quanto valemos.

O campeonato mundial de futebol realizado na Suécia veio, enfim, mostrar que a questão estava tôda na segunda parte dessa alternativa. Vencendo tal como vencemos, arrebatando as platéias estrangeiras e fascinando o Velho Mundo com o virtuosismo e a disciplina dos nossos rapazes, mostrámos nós ser, no futebol moderno, o que foram os gregos da época clássica nos jogos olímpicos e os cavaleiros medievais nos torneios do feudalismo, ou o que têm sido na arte de domar touros bravios os garbosos cordoveses, sevilhanos e rondenhos. Afirmámos o valor de uma raça e de uma cultura. E os brasileiros ganharam mais confiança em si mesmos, na

fibra de sua gente e na sua própria capacidade de organização.

Pois aí está precisamente o ponto para o qual desejo chamar a vossa atenção.

Donde veio tão estupendo triunfo? E por que não o colhemos das outras vêzes?... Uma só tem sido a resposta, ditada pela evidência dos fatos: da organização, que até aqui nos faltara; do comando firme, disciplinador, eficaz, quer sob o ponto de vista técnico-desportivo, quer sob o aspecto psicológico e pròpriamente humano.

A ausência dêste comando e desta organização era um dos obstáculos que se interpunham às nossas ambições, era um dos fatôres extrínsecos que, uma vez removido, abriu o caminho à vitória. E outro elemento negativo era a circunstância de, nestes últimos anos, andarmos a deturpar a nossa técnica futebolística mediante o emprêgo de sistemas e chaves de tôda sorte, importados de terras onde os homens, sua maneira de ser e suas manifestações lúdicas são de uma frieza e de um calculismo que não se compadecem com o gênio latino, hispânico e luso, vivo em nosso sangue, gênio essencialmente individualista e improvisador, com as notas neste sentido ainda mais acentuadas pelo atavismo indígena e a influência africana.

Deixaram os nossos homens jogar à vontade... como sabem... e êles se tornaram invencíveis. Descobrimo-nos, ou melhor, redescobrimo-nos a nós mesmos, no terreno esportivo, e nos mostrámos ao mundo tal qual o somos, sem os artifícios postiços que nos deformavam e nos tiravam a autenticidade cultural.

Tomo aqui a expressão "cultura" no sentido sociológico moderno, abrangendo as várias manifestações coletivas de um povo, desde a cultura intelectual até à cultura física; desde a ciência dos laboratórios até à música popular; desde os planos de govêrno e administração até ao cultivo da terra e à técnica da indústria; desde a forma superior da cultura dos povos, na vida solitária e contemplativa dos sábios, até às suas modalidades difundidas entre as massas pelos modernos instrumentos de comunicação, o livro, a revista, o jornal, o teatro, o cinema, o rádio e a televisão.

Ora bem, neste sentido é que a lição dada, no certame da Suécia pelos vencedores do campeonato mundial, pode servir, e muito, para nos corrigirmos de certos defeitos, que impedem à verdade nacional manifestar-se em tôda a sua plenitude noutros setores, especialmente na política, essa nobre atividade à qual cumpre encaminhar a Nação para os seus destinos históricos.

Manifestámos, no futebol, as nossas qualidades, e deixámos expandir-se o nosso modo de ser típico. Mas ao mesmo tempo procurámos corrigir-nos dos nossos defeitos, submetendo-nos a uma disciplina inquebrantável e a uma organização que nos estava faltando.

O problema do Brasil

Eis o problema do Brasil. Reajuste-se o Estado à Nação. Deixem-se as formas políticas que temos copiado de constituições estrangeiras mas nada significam para a realidade nacional. Procure-se organizar o regime, sob um comando único, eficiente e moralizador, através de instituições que tenham a marca da nossa autenticidade e decorram do

condicionalismo geo-social e da formação espiritual e histórica de nossa gente. E o Brasil será não apenas o "país do futuro", em que um tão grande número de pensadores estrangeiros, depois de Stefan Zweig, anunciam a grande potência do século XXI, mas o país do presente, assumindo dentro de poucos anos, menos do que podemos pensar, a preeminência para a qual a sua vocação o encaminha na América, na lusitanidade, no mundo hispânico, na comunidade atlântica e no Ocidente.

Esta é a grande vocação imperial do Brasil, perdida pelos homens que quiseram copiar a França, a Inglaterra e os Estados Unidos, sem capacidade de dar ao mundo algo de novo e de afirmar a verdade nacional.

Um exemplo do jornalismo como fator de coesão nacional.

E ainda dentro da ordem de idéias sugerida pelo acontecimento que estamos comentando, quero registrar o que foi a colaboração valiosa prestada à campanha de nossa reabilitação esportiva por um popular órgão da nossa imprensa, junto ao qual a Escola de Jornalismo "Cásper Líbero" vem cumprindo o seu mister. Todos bem sabeis que uma onda de descrédito e de críticas depreciativas, mordazes, virulentas, partindo de certos cronistas irresponsáveis, começou, nos primórdios da organização daquela campanha, a minar a coesão espiritual indispensável ao bom êxito e à vitória almejada. Nesse momento *A Gazeta Esportiva* levantou-se contra os agoureiros viciados pelo sensacionalismo demolidor, e pôs-se a serviço da seleção nacional, sem fugir à verdade mas animando, fazendo crítica construtiva, despertando o entusiasmo

dos que partiam e dos que, ficando, aguardavam ansiosos os primeiros resultados.

Tão eficiente foi daí por diante, e durante todo o certame, a atuação desenvolvida pelo matutino especializado da Fundação Cásper Líbero, — cujas maiores tiragens foram então alcançadas, — que, ao término da jornada e na memorável recepção prestada aos vitoriosos pela cidade de São Paulo, o ambicionado troféu trazido de Estocolmo era conduzido às portas de *A Gazeta*, e ali se confraternizavam, como companheiros de um comum empreendimento, os chefes da delegação, os atletas brasileiros e os dirigentes de *A Gazeta Esportiva*.

Recordo-vos tal ocorrência para que possais compreender e sentir qual deve ser o papel da imprensa contribuindo para o fortalecimento orgânico das estruturas básicas da vida nacional. Reconhecendo os méritos do Diretor daquele matutino, bem avisados andastes escolhendo a Carlos Joel Neli para patrono da vossa turma.

Mas vamos concluir.

A Nação é o futuro. O Brasil e o momento histórico mundial.

A Nação é o futuro. Na série de conferências promovidas pela nossa Escola sôbre a posição do Brasil no momento histórico mundial, tivestes oportunidade de desvendar os amplos e magníficos horizontes que se descortinam à nossa nacionalidade, dependendo de uma sábia política exterior a lhe inspirar os estadistas. Verificastes não ser hoje a política externa assunto exclusivo das chancelarias, e bem pudestes perceber que parte de imensa responsabilidade aí cabe aos jornalistas, na sua tarefa de orientar a opinião pú-

blica, cumprindo-lhes estar identificados com os objetivos nacionais permanentes.

Entre tais objetivos está precisamente aquela posição de liderança reservada ao Brasil e à qual não podemos fugir sob pena de incidirmos num tremendo fracasso histórico. Liderança que não significa imperialismo — o que foi sempre contrário à nossa índole e às linhas de rumo da nossa política exterior, fundada na medieval e lusitana idéia de concórdia — mas que representa, nas circunstâncias atuais do mundo, um imperativo vindo da história, da economia, da geopolítica e da estratégia de defesa da civilização cristã.

Precisamos, por isso mesmo, acabar com a lenda de nação subdesenvolvida, propícia a gerar um certo complexo de inferioridade, para usar de linguagem ao gôsto da época, e a nos colocar numa posição de mendicância em relação a outras potências.

Sem dúvida, há áreas menos desenvolvidas a serem integradas na civilização brasileira. É exato que não atingimos ainda todo o desenvolvimento econômico e técnico que fôra de desejar, resultando daí não nos podermos equiparar a nações mais poderosas. Mas estas nações, em tempos idos, também atravessaram fases semelhantes. Trata-se de um processo normal na vida dos povos, e não de um retardamento patológico, um atrazo de crescimento decorrente duma espécie de fatalidade acabrunhadora.

Se temos caminhado lentamente, isto se deve àqueles fatôres extranhos à nossa formação e que nos perturbam sobretudo na

ordem política. Mas ainda assim o progredir do Brasil, no domínio da produção e da técnica, não é algo que possa ser detido, a não ser por uma catástrofe da natureza ou uma subversão catastrófica da ordem social.

O que mais importa, como objeto do nosso esfôrço, não é o desenvolvimento econômico. É a preservação da nossa originalidade cultural, prestes a perder-se em meio às influências dos elementos dissociativos e antinacionais. O que mais importa é procurar em nós mesmos a fonte de uma energia renovadora para o mundo, da qual tantas vêzes não nos damos conta, deixando assim de perceber as razões decisivas de uma hegemonia que observadores alheios anunciam para nós.

Quando pensamos, por exemplo, na incapacidade dos Estados Unidos para a liderança mundial, reconhecida por vultos eminentes daquela república, como o publicista James Burnham e o Embaixador Adolfo Berle Júnior; e quando, por outro lado, descobrimos, nos países hispânicos da América, êsses componentes de profunda densidade humana, herdados de Portugal e Espanha, e pelos quais nos tornamos os últimos redutos da cultura ocidental e os primeiros rebentos dessa *síntesis viviente* de amanhã, de que nos fala o mestre peruano Víctor Andrés Belaunde, da *raza cósmica* que aqui se vai forjando, a raça dominante do futuro na visão do insigne mexicano José Vasconcelos; quando consideramos a abertura para tôdas as raças, para todos os povos, para a compreensão fraternal das nações vizinhas e irmãs, em posição geográfica privilegiada e com as notas

distintivas vindas da língua portuguêsa e do caráter português, língua e caráter que, por sua vez, nos abrem as portas do Oriente e nos permitem uma inserção no mundo africano; quando refletimos em tão favoráveis condições com que nos dotou a Providência, — ficamos nós, brasileiros, atônitos ante a ignorância em que vivemos de nós mesmos, o alheamento dos homens públicos diante de tais condicionalismos e a falta de atuação, sôbre a generalidade dos nossos compatrícios, dessas idéias-fôrças que expressam a própria substância do ser nacional.

Idéias-fôrças para as quais a propaganda é muda, a propaganda que sabe apregoar os estrangeirismos e faz acreditar nos mitos do século XX, por detrás dos quais se esconde a dominação exercida pelos homens da alta finança e pelos demagogos.

Há, na gente do Brasil, virtualidades que cumpre despertar, repelindo os fatôres internos e externos de desagregação: instituições políticas que abastardam a Nação e corrompem os homens; a coletivização da vida, procedente do materialismo capitalista ou socialista; as correntes de idéias revolucionárias; a literatura e a imprensa dissolventes; o cinema e as formas artísticas que desintegram a estrutura afetiva da nacionalidade.

Rechaçar tais elementos dissociativos e devolver o Brasil a si mesmo, tal é a vossa missão de jornalistas, arautos que deveis ser da formação de uma consciência nacional.

Afirmai a Nação brasileira, e confiai no futuro do Brasil — o "Brasil restituído", e

engrandecido pelo vosso empenho em fielmente o servir, com a palavra impressa, atravessando o tempo, ou com o verbo oral, difundido pelas ondas do espaço.

Dessa forma, *fazendo a verdade,* haveis de realizar a verdade nacional.

3

Exortação final

A questão de sempre.

SÃO tristes as gerações sem ideal. Passam sem deixar saudade. Reproduzem, na vida humana, o espetáculo desolador que a natureza nos apresenta numa primavera sem flôres, num outono sem frutos, ou naquelas trevas que, durante meses seguidos, se estendem pelas regiões polares, confundindo os dias e as noites. São as multidões informes dos homens sem marca.

Não assim as gerações assinaladas pelo idealismo e pelas convicções profundas. Guardam a perene juventude dos que consagraram a uma nobre causa a inocência do seu espírito. São as plêiades cintilantes dos homens que se definiram.

A Nação, valor temporal, projeta o homem em face da Eternidade, para a qual o encaminha. Se os falsos nacionalismos do nosso tempo lhe atribuíram um valor absoluto, foi por haverem desprendido o homem do seu destino transcendente. A fôrça da nacionalidade brasileira está exatamente em ter nascido daquelas gerações de ínclitos infantes e intrépidos navegantes, fiéis até à morte ao serviço de Deus.

Definir-se perante a vida e lutar por um ideal, nada há de mais nobre para o homem.

E por isso quero terminar com estas palavras de Louis Veuillot, o maior jornalista católico da França no século passado e talvez o maior jornalista francês de todos os séculos:

"A questão de sempre está em saber se o homem deve nascer, viver e morrer, receber, transmitir e deixar a vida, como criatura de Deus a Deus destinada, ou como simples larva originária ùnicamente das fermentações do lôdo da terra".

Ninguém pode fugir a êste magno problema da vida humana. Afastá-lo é cair na mediocridade, é passar com as gerações que não deixam saudade, é ser levado pelo vento como a poeira da estrada. Enfrentá-lo é fazer a opção.

Vós já a fizestes. Prossegui, sob as melhores bênçãos de Deus.

COMPROMISSO PROFERIDO NA COLAÇÃO DE GRAU

POR Deus e pelo Brasil, prometo, no exercício do jornalismo, manter-me fiel aos ensinamentos recebidos nesta Escola, fazendo da pena um gládio da verdade, uma arma da justiça, um fator de fortalecimento orgânico das estruturas básicas da vida brasileira. No uso da liberdade de expressão, saberei respeitar a honra do próximo e hei de repelir categòricamente tudo o que seja contrário à ética da minha profissão.